

A ILUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Petersbourg,
Argentan

ANNO. 24 francos

SUBSCR. 12

AVISO. 4

Se os preços de Paris se alterarem, os preços aqui

1.^o Anno. — Volume 1. — Numero 12.

PARIS 20 D'OUTUBRO DE 1884

Director : MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

CALHA DE NOTÍCIAS, 26, R. do Ouvidor,
Argentan

ANNO. 22,000

SUBSCR. 5,000

ANNO. 14,000

AVISO. 500



ALEXANDRE DUMAS FILHO

(Um dos auctores dos « Danicheff » actualmente em scena na Porto-Saint-Martin de Paris.)

SUMMARIO

TEXTOS: *Chronica*, por Murilo Pinheiro. — De viagem (poesia) por Filinto d'Almeida. — As nossas gravuras: Alexandre Dumas filho, Jules de Goncourt; Ensaio sobre a direcção dos balões; a estatua do Marquez de S. da Bandeira; *Dás um bocadinho?* a China, contemporânea. — *N'um album* (poesia) por Luiz Murat. — Alexandre Dumas filho, por A. G. — *Fidões de pau*, por Valentim Magalhães. — Passatempo.

GRAVURAS: Alexandre Dumas filho. — Jules de Goncourt. — Ensaio sobre a direcção dos balões. — A estatua do Marquez de S. da Bandeira, desenho original de A. Rumbold. — *Dás-me um bocadinho?* quadro de Geoffroy. — *Itália*: O cholera em Nápoles. — A CHINA CONTEMPORÂNEA: Uma casa d'expostos em Cantão.

CHRONICA

RECENTEMENTE do Brazil um romance realista. — A casa de pensão — do sr. Aluizio d'Azevedo.

Logo as primeiras paginas do livro interessam-me e li-o em uma noite. E li-o com verdadeiro interesse pois que desejava avaliar dos progressos que o romancista tinha feito depois do seu livro *O Mulato*, que eu folheara varias vezes com curiosidade em casa do grande artista Raphael Bordallo Pinheiro. E tambem por que o romance fora recebido com calorosos applausos por toda a imprensa brasileira. Ainda tenho bem presente os artigos publicados na *Gazeta de Noticias* por Valentim Magalhães, annunciando o livro como uma manifestação litteraria equivalendo no Brazil ao *Primo Baillio* em Portugal.

Na realidade o sr. Aluizio d'Azevedo está senhor do processo, como dizem certos criticos, e — devo dizê-lo? — é isto sinceramente que eu lamento.

Estar senhor do processo quer dizer:

Que faz romances da moda;

Que desenha personagens da moda;

Que escreve no estylo da moda.

Ora o sr. Aluizio d'Azevedo não precisa, quanto a mim, deixar-se arrastar pela moda — por que tem deversas talento. A moda fez-se para os outros, para os que nada teem no ventre — como se diz em Paris — para os que não sabendo escrever uma pagina original e sincera esperam que alguém produza alguma coisa, para elles depois a imitarem.

Mas quando se escrevem paginas vigorosas como se encontram diversas na *Casa de Pensão*, o artista deve pensar em destacar-se um pouco mais da maioria.

Antes de proseguir:

Se hoje novamente me occupo na minha chronica de pura critica litteraria é por que entendo que é chegado o momento de cada qual dizer a sua opinião franca e sincera acerca de tudo que se publica. Assim como em França, em Portugal e no Brazil uma geração inteira quer impor uma reforma litteraria, e os livros e os jornaes andam cheios de realismo e de naturalismo. Ha já publicadas algumas obras primas. Mas quantas obras mediocres tambem! E nota-se, mesmo do lado dos homens de talento, uma tendencia para a manufactura e não para a arte. Certos livros lembram-me destes pianos de rua que obedecem a uma ma-

nivela e que tocam sempre a mesma valsa.

E' necessario, pois, que todos nós tratemos de descobrir onde está a manivella, e de a partir, para não chegarmos ao perigoso resultado de vermos vinte auctores todos elles dizendo e escrevendo a mesma cousa.

Ha dias encontrei n'uma carta que George Sand escrevera a Gustave Flaubert uma phrase tão finamente sentida e tão prodigiosamente observada, que me parece definir com a maxima exactidão uma certa tendencia litteraria dos auctores modernos. Escrevia Sand a Flaubert quando este lhe annunciava que ia fazer um novo romance: « Vaes recomagar na tua tarefa? Eu tambem; e que iremos nós fazer? Tu, com certeza, vaes fazer desolação e eu consolação. Tu, tornas mais tristes os que te lêem. E eu queria tornal-os menos infelizes! »

Está n'estas palavras toda a critica de modernos auctores. Não fazem litteratura realista — fazem litteratura desoladora!

E de caso pensado.

Parece-me que se descobre a manivella!...

Tratemos serenamente o assumpto que me parece merecer a maior consideração.

Que resulta para o publico da leitura de *Madame Bovary*? Uma desconsoação enorme da vida, onde tudo é tão banal, tão melancolico, tão insipido, tão chato! — o casamento, o adulterio, a religião, os homens e as cousas. Tudo bocea em torno d'esta pobre Bovary. Uma natureza mais nervosa e mais intelligente tinha saído da vida pelo cano d'um revolver, pela torre d'uma igreja ou pela profundidade d'um rio...

Mas a vida é toda assim, por todos os lados que a encaramos? Certamente que não.

Simplemente, Flaubert era um espirito profundamente melancolico. A sua natureza d'artista incompreendido pela multidão fazia-o ver na sociedade uma banalidade medonha que elle queria a toda a força esmagar e estrangular. Entorrido no seu exilio voluntario de Rouen soffria em silencio — o que é soffrir cem vezes mais — o indifferentismo do publico pela sua obra que elle não via acclamada como de justiça o devia ser. Dahi, esta desolação de que falla George Sand, este desalento e este scepticismo doentio que transparecem em quasi todas as suas obras — que nem por isso deixam de ser verdadeiras obras-primas.

Principalmente a *Educação sentimental* e *Bouvard et Pecuchet* são d'uma fal' tristeza, pintam-nos a vida tão arida e tão desconsoadora — que chegam a provocar o suicidio!

Advinhasse naquellas paginas a tristeza e a melancolia que assombraram os ultimos annos d'este sublime artista. E quando se está triste e se está melancolico, não ha alegria que não seja incommoda; não ha prazer alheio que nos não irrite!...

Fallemos d'um outro auctor que todos nós lemos e todos nós começamos auctor que hoje continua brilhantemente a obra de Flaubert. Fallemos de Eça de Queiroz.

Não foi uma premeditação litteraria que o levou a seguir ao romance, o espirito de Flaubert. Não foi de caso pensado, para fazer calculadamente um genero, que elle

se collocou do lado do auctor de *Madame Bovary*, em vez de acompanhar Zola. Foi uma questão de organização, uma semelhança de caracteres, uma quasi egualdade de ponto de vista. Zola não o captivou tanto. Era mais operario e menos artista. Tinha a força herculeia e a tenacidade bruta d'um mineiro, mas faltava-lhe a sensibilidade que é tudo em Flaubert e que foi o atractivo de Eça de Queiroz. Flaubert era verdadeiramente do seu feitiço. Dahi resultou o *Primo Baillio* e *Os Maias*.

Querem agora a explicação d'um certo desalento e d'uma certa melancolia e tambem d'uma certa ironia azeda que ás vezes transparece nas paginas maravilhosas do *Primo Baillio*?

Imaginem Eça de Queiroz nas mesmas circunstancias em que se achava Flaubert. Eça de Queiroz não soffre da indifferença do publico como soffria Flaubert, por que raros escriptores ha que mais queridos sejam da multidão como este é — e por todos os motivos. Mas soffre do isolamento. Em vez do exilio voluntario de Rouen, sob o céu tranquillo e doce da Normandia — a existencia passada só, absolutamente só, n'uma terra ingleza, no meio d'uma sociedade indifferente por que não é a sua, cujos habitos de quando em quando o irritam, sem nunca fallar a sua lingua, sem uma cara amiga e patética com quem ria, tendo sómente de pensar em si, de cuidar de si, de nada poder confiar que não seja a gente mercenaria, a gente que lhe aluga estimo e dedicação e carinho a tanto por mez, que lhe sorri quando elle lhe paga melhor, que o odeia quando elle quizer ser economico — todo o horror d'um homem que tem por força de viver sózinho n'uma sociedade que o ignora, que nada sente por elle... Transformam-se por ultimo em inimigos irreconciliaveis!

Eça de Queiroz acabava um dia uma carta do seguinte modo:

« Que a minha desculpa seja que lhe escrevo esta carta, n'um sabbado: se v. já viveu em Inglaterra, na provincia, na cidade industrial tipica, sabe o que é o sabbado: uma immensa multidão brutal, rude, barulhenta, enche estas largas ruas, cruamente allumiadas dos renques fulgurantes do gaz nas vitrines das lojas; os bars, os palácios do alcool, flamejam; os cabos rodam, entre as estações, com uma buha estolida; bebados cambaleiam e boxam-se; um pregador da rua, tomado d'um ataque religioso, uia a uma esquina versiculos da Biblia; dos salões de musica saem ganidos de flautins e o estrondo de tacões de taxis batendo uma polca animal; uma prostituição insolente impõe-se, reclama salario e garotos esguelhados, agitando os jornaes, gritam com furor: as trações da Russia; dois enormes policiaes arrastam uma velha que blasphema, bebeda; pares amorosos passam enlaçados, beijando-se, sem pudor; magotes de mineiros de cachimbo na bocca, seguidos de galgos, fallam a aspera lingua de Northumberland; os silvos dos comboys cortam o ar espesso; uma nevoa humida, amarelada, fenda, gela, impelle ao alcool; e pelas praças, pelos becos, nos pianos dos restaurantes, patriotas exaltados de bebidas, cantam a nova canção guerreira *We don't want to fight, but byingo in we do!*... afirmando ainda n'um berreiro: « Que os Russos não irão, não, a Constantinopla! »

« N'um dia — como este — um Portu-
guez só pode aspirar a uma aldeia do Minho
ou a paz d'um convento. »

Compreendem agora, depois do
que deixo transcripto, o estado d'espirito
d'um artista? Compreendem agora a afi-
nidade de sensações, de crítica, que ligam
Flaubert a Eça de Queiroz? Compreendem
agora as causas d'esta desolação de que falla
a Sand e que tanto se encontra nas paginas
do *Primo Bazilio*? D'esta tendência para a
escolha de tipos banaes que o artista se
apetez em torturar com a sua terrível ana-
lyse, cravando-lhes nas carnes os bicos da
sua pena irritada, como que consolando-se
de mostrar ao publico miserias, insignifi-
cancias, ridiculos e buxexas que pos-
suem?...

Mas d'aqui a ser a desolação o lim
principal d'uma litteratura inteira, ha uma
grande distancia. E o sr. Aluizio d'Azevedo
no seu novo romance e outros modernos es-
criptores parece-me que andam irreflectida-
mente tomando como base dos seus roman-
ces a desolação naturalista da *Madame Bo-
vary*, do *Assomoir* e do *Primo Bazilio*, sem
terem estudado primeiro quaes as causas
que influem na produção d'esses livros.

O realismo deixa de ser realismo se os
romancistas modernos começam a ver tudo
pelo mau lado; a ver tudo triste, banal,
mediocre, egoista, imbecil, immoral e im-
mundo. Não me repliquem que a sociedade
é isto mesmo. Isto é simplesmente um pes-
simo lado da sociedade...

O que não de confessar é que é muito
mais facil trabalhar sobre um assumpto es-
cabroso e equivoco, que é muito mais facil
desenhar um typo grotesco — do que pe-
gar n'um assumpto tranquillo e feliz, na
vida serena e casta d'um *ménage* modelo, e
fazer um romance que valha uma pagina de
Michelet, um romance cuja leitura nos faça
bem, simples, honesto, verdadeiro, que nos
inspire, em vez de desconsolação da vida, o
desejo de viver, para saber enfim a que é
que se chama verdadeiramente viver!

Tambem não quero que de caso pensado
se veja a sociedade através da mesma véo
côr de rosa por onde Heine vio a revolução
francesa. O que se deseja e o que se pede
é que os romancistas novos que só fallam
em temperamento ponham de lado os tem-
peramentos de convangio e deixem por uma
vez fallar os seus. Que os alegres escrevam
alegremente. Que os delicados e finos e
aristocraticos escrevam com a elegancia e a
suprema distincção de Droz ou dos Gon-
court. Que os aborrecidos escrevam todas
as melancolias que encontram pelos cantos.
Que os tristes chorem á vontade sobre 500
paginas d'um romance que o publico tam-
bem os ha-de ler — se elles tiverem chorado
como realmente se chora!

É isto que falta, e é isto que se deseja...

E acabem com a desolação que é hoje
a verdadeira e irritante manivela de todos
os romances — esta desolação postica, esco-
lhida de caso pensado, este desejo de ver
triste e ver desconsolado, esta tendência para
descrever e analysar todas as cousas que
causam tedio e que nos desconsolam pro-
fundamente, para dar ao romancista uns
aeres fataes de philosophia aborrecido.

Isto é que é necessario combater, é con-
tra esta corrente que nós nos devemos in-

surgir. O sr. Aluizio d'Azevedo, pode-me
replicar que o seu temperamento só o con-
tinha para a analyse das cousas desconsolado-
ras. Admitto. Que o seu espirito d'artista só
o leva para a observação dos caracteres in-
feriores como o do estudante, para a analy-
se das sociedades e das meios pobres, como
o da Casa de penão. Também admitto. Mas
o successo do seu livro suscita-me alguns
recios acerca dos novos romancistas que
fôrão surgindo. E o que aconselho aos
modernos realistas brasileiros e aos mo-
dernos realistas portugueses é que abando-
nem a desolação que parece estar na moda.
Não só em Portugal e Brazil, mais também
e principalmente em França — e que nos
dêem livros sãos e honestos, sem person-
agens doentes, imbecis e ridiculos, sem des-
cripções que precisariam muitas vezes ser
regadas a chloro.

D'assumptos pathologicos estamos nós
fartos. Basta Zola!

O publico começa-se a aborrecer com
esta litteratura de amphitheatro d'hospital
que ha dez annos se quer impor como a
grande expressão litteraria do seculo XIX.
Não; não é tal! O que nos falta, de que
nós estamos precisados é d'uma nova litte-
ratura que em vez de nos desanimar n'esta
lucta da vida em que andamos empenha-
dos nos dê verdadeiramente coragem; d'uma
nova litteratura onde se aprenda alguma
coisa útil e onde se leia alguma coisa agra-
davel; d'uma nova litteratura onde os ho-
mens, as mulheres e as creanças apre-
ndam o que é o bem, o que é a honra, o que
é o dever e o que é o amor!

O que nós precisamos em lingua portu-
guesa é d'um Michelet que seja o compa-
nhieiro fiel e honesto dos nossos senões d'in-
verno, o amigo inseparavel de nossos mu-
lheres e de nossos filhos!...

E quanto ao sr. Aluizio d'Azevedo
felicitoo mais pelo seu talento do que pelo
seu livro. Par que eu não sei onde ha-de
chegar a litteratura d'um paiz se todos os
escriptores se lembrem de buscar eternam-
mente o seu assumpto nas infamias da sua
sociedade. Como critico, a leitura da Casa
de penão dispensa-me curiosidade, o desejo
de seguir as peripetias d'um talento que
imagina ser do seu tempo desenhando ape-
nas semelhantes personagens. Como sim-
ples leitor a obra desconsola-me, entristece-
me, deixa-me de mau humor. Que prazer
posso eu sentir em viver espiritualmente
durante uma ou duas noites com uma so-
ciedade que se eu encontrasse em carne e
osso na minha vizinhança faria uma denuncia
à policia para lhe vigiar a porta a todas
as horas?...

O que me consola é a ideia de que este
pessimismo juvenil, este desejo de fazer
d'um livro uma meza d'autopsias ha-de
passar com o tempo. Ainda ha poucas annos
se queria defender o mau lado de Zola, di-
zendo os discipulos que o romance moder-
no ou havia de ser scientifico ou deixaria de
existir. A defeza não teve curso. Nem os
alunos de medicina foram aprender phy-
siologia no *Assomoir*, nem o publico foi ler
romances nos livros dos professores da Es-
cola medica de Paris. O romance é litte-
ratura, e não é outra coisa. A sciencia aqui
de nada serve. Quando o personagem é bem
estudado, como os personagens de Shaks-
peare e de Balzac, o personagem ha-de ser
profundamente scientifico — porque é pro-

fundamente humano! Se fôrão a d'uma in-
dicar — ou o medico se enganou ou o diagnos-
tista, se fôrão os do lado da opinião, con-
taria, da tal opinião, scientificamente, e chegavamos
ao absurdo resultado de que os medicos
os melhores e os mais competentes e os
os melhores escriptores d'um paiz!...

Deixemos com o tempo. Os artistas
modernos estão-se libertando de todas as
extravagancias da analyse, e não vão longe
os bons e salubres assumptos.

Zola escreveu o *Le roman expérimental*, e
escreveu os romances sobre o trabalho, e
anunciou para d'aqui a alguns annos os
seus contos para as creanças. Goncourt es-
creveu a *Chêne*, Junquière escreveu a *Musé*
em férias, onde occupou das creanças em-
tinue a parte mais embaçada do seu livro.
Gustavo Droz escreveu *Les enfants et les som-
mes*. E Eça de Queiroz, depois de escrever
a historia da sua mocidade — *Quilipé*, nos
eramos novos! — escreveu a serie de contos
em que elle pensa ha muito, e onde elle ha-
de ser encurtado, honesto e simples, e me-
nos chimicoz que Julio Dantas.

Vamos ter no fim do seculo uma litte-
ratura não para litteratos — mais para o pa-
blico. É isto que nós falta hoje, é isto que
ha-de ser a grande gloria da nossa geração
— se a nossa geração pensar nisso a tempo.
Repito:

O que nós precisamos em lingua portu-
guesa é d'um Michelet que seja o compa-
nhieiro fiel e honesto dos nossos senões d'in-
verno, o amigo inseparavel de nossos mu-
lheres e de nossos filhos!...

MARCO PINO

DE VIAGEM

NA RUSSIA

Pino do inverno. Atroz! Triste patria Russia!
Da nortada cruel a vergastada fina
Zime, acoutando em chelo a face cristallina
Do gelo. E tu, que vaes na capa de pelúcia

Envolta e agasalhada, o minha pobre Lúcia,
Deixas somente a meio a face alabastrina
Apparecer. O azul fecha a immensa cortina
Ao luar. Unicamente a intrepidez e a astucia

Conseguem que o tremo vença a estrada sombria.
Os trez cavallos são de estranha valentia;
Affanito vão sobre os caminhos gelados.

Uma fita de preta ao longe ondeia — e o Neva.
E, seguindo o trem, brilha na espessa treva
O flamejante olhar dos lobos esfaimados!

FIM DO ANIMADO.

OS NOSSOS COLLABORADORES

Dia para dia a Illustração se aug-
menta o numero dos seus collabo-
radores, grupam-se em volta dos
antigos novos e vellos, distinctos
nem menos sympathicos. No n.º 10, fecha a
sua estreia litteraria o colaborador do nosso
jornal o Sr. Gonçalo de Oliveira, com um
saber e conto que o revela immediatamente
escriptor de primeira ordem. No n.º 11, onde
foi publicado o escripto de estreia de Jayme

de Seguer; appareceram tres dos nomes mais sympathicos do Brazil: — LUIZ DELFINO, MACHADO D'ASSIS e VALENTIM DE MAGALHÃES.

Hoje temos o prazer de annunciar aos nossos leitores a collaboração d'um illustre escriptor, antigo companheiro d'Anthero do Quental, d'Eça de Queiroz, d'Oliveira Martins e de Ramalho Ortigão, que vae publicar na nossa revista uma serie d'artigos sob este titulo ASPECTOS ESCOCEZES. O nome do auctor não o podemos revelar por enquanto visto ser seu desejo escrever com um pseudonymo. Mas a originalidade da critica e a elegancia da linguagem hão-de facilmente trahir esta physionomia tão sympathica no mundo das lettras e das sciencias.

Acabamos de receber, para ser publicado no n.º 13, um curioso artigo de FIALHO D'ALMEIDA, um estudo sobre um chronista celebre fallecido ha tres annos e onde FIALHO D'ALMEIDA analysa aspectos

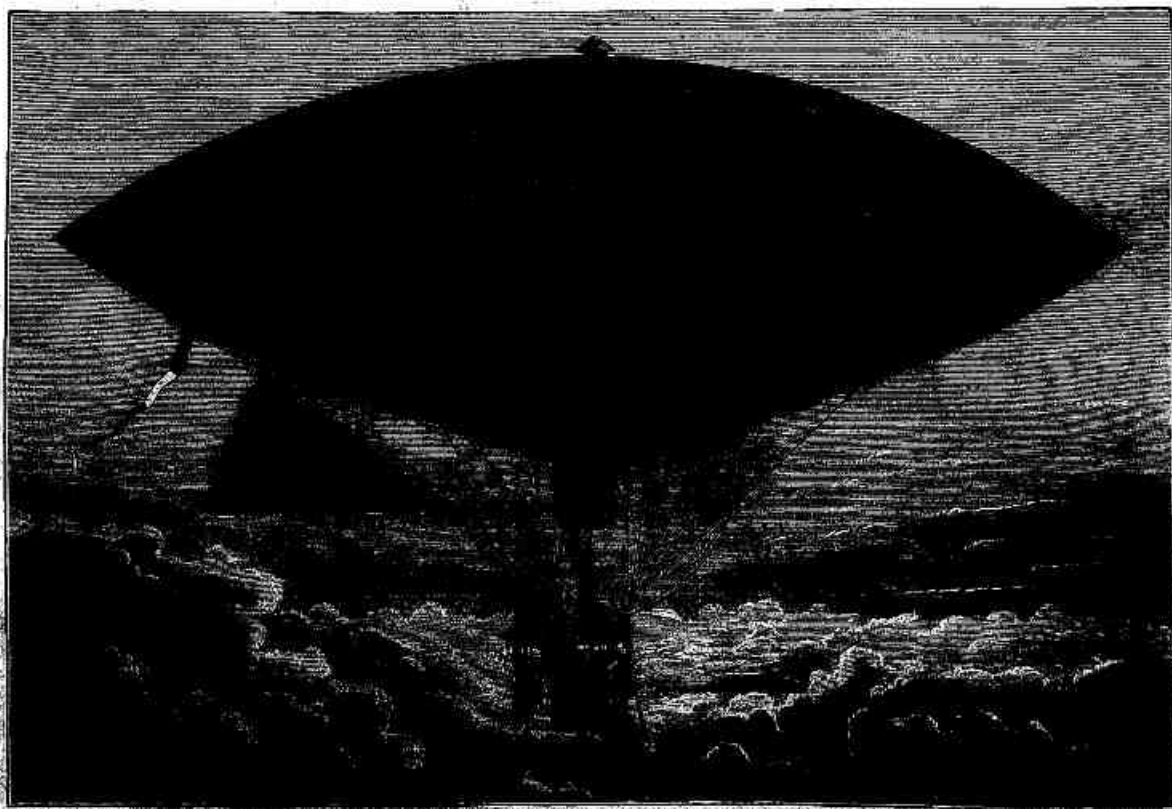


JULES DE GONCOURT

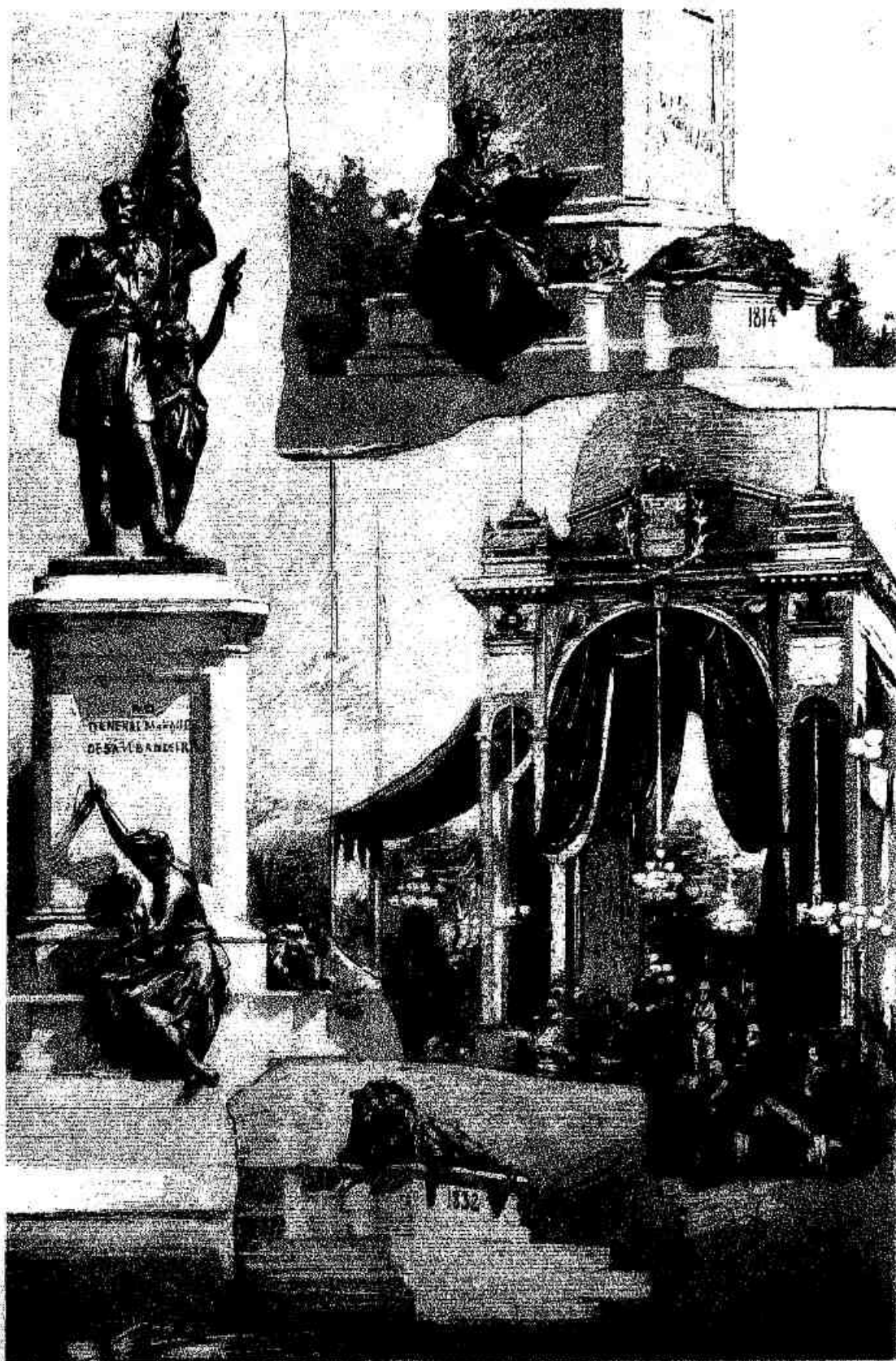
da vida litteraria de Lisboa. E na carta que o nosso collaborador nos escreve de Villa de Frades vem indicada a boa promessa, apenas chegue á capital, de ser um assiduo collaborador da ILUSTRAÇÃO.

Parece-nos que podemos dizer afuitalmente que nenhum jornal illustrado portuguez tem apresentado uma collaboração que possa competir com a nossa. E quanto á parte artistica temos apresentado trabalhos d'artistas de Portugal e do Brazil — de RAPHAEL BORDALLO, de RAMALHO, de VILLAGA, de AMOEDO e d'outros, trabalhos que tem sido executados em Paris d'um modo inteiramente novo e por processos desconhecidos do nosso publico.

A ILUSTRAÇÃO ensaia neste momento n'uma das primeiras officinas de Paris novos processos de cromotypographia, e espera proporcionar ao seu publico a aquisição de verdadeiras obras d'arte da mais delicada e esmerada execução como nenhum jornal ainda apresentou nem em Portugal, nem no Brazil.



INSTRUMENTOS PARA A PROTECÇÃO DOS BALÕES. — O Balão dos irmãos Tissandier



A ESTATUA DO MARQUEZ DE SÁ DA BANDAIRA

(Desenho original de Antonio Raimundo)

AS NOSSAS GRAVURAS

ALEXANDRE DUMAS FILHO

NOUTRA parte do jornal encontramos os nossos leitores um artigo sobre este novo dramaturgo francez, devido á pena do nosso collaborador o sr. A. G. que deseja guardar o incognito.

JULES DE GONCOURT

Nº 2, a proposito do romance *Chérie*, A Illustração publicava o retrato de Edmond de Goncourt um dos mais notáveis romancistas da França contemporânea, e prometiamos para breve o retrato do seu antigo collaborador, do seu irmão, fallecido ha annos, e que assignou com Edmond tanta obra prima d'estylo e espirito eminentemente francez. Chegou hoje o momento de publicar o retrato d'esse que é uma das glorias litterarias de Paris no seculo xix. Um editor de Bruxellas acaba de fazer uma edição completa e definitiva do primeiro livro dos dois illustres romancistas e que tem por titulo: *En 18...* Este livro é que se venderam rarissimos exemplares acaba de despertar grande curiosidade no mundo parisiense. É o mesmo estylo phantasma e torturado da *Fille Elisa* e a mesma graça nervosa e febril dos dialogos scintillantes de *Charles Demailly*.

Jules de Goncourt e Edmond de Goncourt são dois das mais extraordinarios reformadores da litteratura contemporânea. A Illustração orgulha-se de ter sido o primeiro jornal portuguez que revelou ao publico as physionomias destes dois homens eminentes.

ENSAIOS SOBRE A DIRECÇÃO DOS BALÕES

A primeira ideia da applicação da electricidade á navegação aerea pertence ao Sr. Gaston Tissandier, que expoz o seu primeiro ensaio na exposição de electricidade que se realisou em 1881 em Paris. Desde então as experiencias feitas por outros aeronautas têm sido numerosissimas e todas tendentes a descobrir a direcção dos balões.

Ha pouco tempo fizeram-se em Paris importantes ensaios sendo immensamente apregoados por toda a imprensa europea os nomes dos capitães Renard e Krebs como tendo descoberto a direcção dos aerostatos. A primeira experiencia fôra feliz, mas a segunda foi desastrosa.

Dois dias depois via-se pairar sobre Paris o elegante balão que hoje reproduzimos em gravura. O balão tomava todas as direcções; ora seguindo de norte para sul, ora do poente para o nascente. O balão obedecia fatalmente a todos os commandos e resistia ás correntes atmosphericas. Eureka! Estava enfim resolvido o problema... Viva Renard! Viva Krebs!

Havia simplesmente um engano da parte do publico. Não eram os capitães Renard e Krebs que dirigiam o balão que se via acima de Paris. Eram os irmãos Tissandier, os illustres aeronautas, que em 1881 na Exposição de electricidade tinham exposto o primeiro balão electrico.

Para que o problema seja internamente resolvido para que os homens do seculo XIX possam atravessar o ar com a mesma segurança com que se atravessa o Oceano — bastam simplesmente capitães. É necessario que um governo intelligente comprehenda as grandes vantagens que podem advir da navegação aerea e não hesite diante de qualquer somma, nem deixe de prestar auxilio a todo aquelle que desejar realisar um novo projecto. As balões estão lançadas; a questão está em muito pouco.

Quanto ao balão é necessario para o completo successo, que elle tenha uma velocidade propria

superior á dos ventos d'intensidade media, 10 a 12 metros por segundo, isto é, 36 a 40 kilometros por hora aproximadamente. Para isso é necessario construir navios aereos de grandes dimensões. Basta lembrar que as superficies não augmentam com os volumes, e que a resistencia do ar se torna relativamente mais fraca, á medida que o aerostato augmenta de volume. E, como dissemos mais acima, uma simples questão de capitães. Não ha nenhuma impossibilidade material de construir navios aereos que tenham 25, 50 e mesmo 100,000 metros cubicos. Ainda hueramos de ver estes grandes aerostatos navegar na atmosphera, como os grandes navios a vapor através dos mares.

A nossa gravura representa o balão dos aeronautas Tissandier durante a experencia realisada ha pouco no céu parisiense.

A ESTATUA DO MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

Desenhado ao lapis d'um distinto artista que habita Paris, Antonio Ramalho, e segundo phototypias que recebemos de Lisboa da illustre commissão que realisou a patriótica e nobilissima ideia de erigir um monumento á memoria do grande vulto politico — A Illustração apresenta hoje aos seus leitores uma pagina curiosa e sympathica dando uma ideia da estatua e desenhando o pavilhão que se construiu expressamente para o acto inaugural.

Do marquez de Sá da Bandeira escusado é fallar, escusado é traçar o perfil biographico — por que todos o conhecem e todos o admiram.

O marquez de Sá pertence a esta categoria d'homens que um simples facto da sua vida tornou immortal. Praticou uma obra excepcional, deixou de ser a gloria d'uma epocha para ser o orgulho d'um paiz. No exercicio portuguez elle aboliu o castigo infamante e odioso das chibatadas e aboliu tambem os fuzilamentos. Nas colonias portuguezas em Africa aboliu a escravatura. Quando um homem se serve do poder que um dia lhe vae parar ás mãos para proceder d'um modo tão digno e tão sublime em honra e proveito do seu paiz, esse homem merece todas as honras e todas as apotheoses. É não só digno do bronze que hoje o immortalisa, mas tambem do respeito e da admiração dos seus compatriotas.

A Illustração só tem que se felicitar publicando pagina tão sympathica, reproduzindo o monumento cuja execução foi confiada a um artista italiano — e se felicitar duplamente por de novo ver apparecer na nossa revista o nome d'um artista portuguez de grande futuro que d'aqui a pouco segue para Italia continuar a sua educação artistica, depois de ter passado trez annos d'estudo em Paris.

A commissão constituída em 1876 que promoveu a subscrição publica com o fim de erigir o monumento ao marquez de Sá da Bandeira era composta dos srs. duque de Palmella, presidente, Azealmo José Braamcamp, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, Bernardino Antonio Gomes, Bispo de Vizeu, José Manuel Leitão, José Ribeiro da Cunha, marquez d'Avila e de Bolama, marquez de Fronteira e Simão José da Luz.

A subscrição promovida entre a colonia portugueza residente no Brazil produziu 6.875.550 reis, e a subscrição em Portugal e possessões d'Africa e India produziu 8.706.035 reis.

O concurso para a construcção do monumento foi publicado no *Diario do Governo* de Lisboa e depois d'exposição publica de todos os projectos enviados a commissão adoptou por unanimidade o projecto do escultor italiano Giovanni Cinielli, conformasse-se ao desenho do nosso distinto collaborador A. Ramalho. O pavilhão desenhado na nossa pagina é o pavilhão construido para o acto inaugural do monumento e reservado para Suas Magestades para a grande commissão.

Sobre todos os trabalhos da commissão desde que se constituiu em 1876 até hoje — o Sr. Henrique de Barros Gomes, secretario da commissão publicou um interessante volume onde tambem se acha traçada uma excellente biographia do marquez de Sá da Bandeira.

DAS UM BOCADINHO?!

A sineta acaba de dar o signal. Chegou a hora do lunch...

O bando alegre dos rapazes sac da escola e espalha-se pelo jardim. Cada qual abre o seu cesto. Uns, os que são pobres, trazem apenas para a merenda um bocadinho de pão secco. Outros, os ricos, trazem pão e doces e fructas e o seu copinho de vinho... Ha uns que são francos e generosos, que partilham os seus quinhões com os mais pobres. Ha outros que são egoistas, avarentos, que quando um companheiro lhes diz, para os experimentar: *Dás um bocadinho?*... todas se enfurecem, fechando sofredamente o cabaz e indo comer a merenda, para um canto, como um animal esfaumado.

São todas estas physionomias interessantissimas de creanças que Geoffroy tratou admiravelmente no seu quadro que A Illustração tem hoje a subida honra e o grande prazer de offerecer aos seus numerosos leitores, graças á amabilidade do artista que authorisou a reproducção da sua obra no nosso jornal.

Geoffroy é um dos pintores de genero dos mais queridos e dos mais applaudidos de Paris. É um artista de primeira ordem, que tem conquistado a celebridade pintando apenas creanças, como Lobrichon, de quem demos no numero 7 da Illustração o seu delicioso quadro *A caixa do correio*.

São os dois grandes artistas que melhor sabem tratar em Paris este assumpto tão delicado e tão sympathico. Sob o seu pincel as creanças revivem com uma vida extraordinaria, e basta olhar para a magnifica gravura que hoje damos para comprehender toda a vida d'uma escola, todo este mundo irrequeto e barulhante dos dez annos...

A CHINA CONTEMPORANEA

QUANTO quanto se possa remonter na historia da China, vê-se que uma das preoccupações dos imperadores foi sempre a descoberta de meios para attenuar a miseria d'este grande paiz.

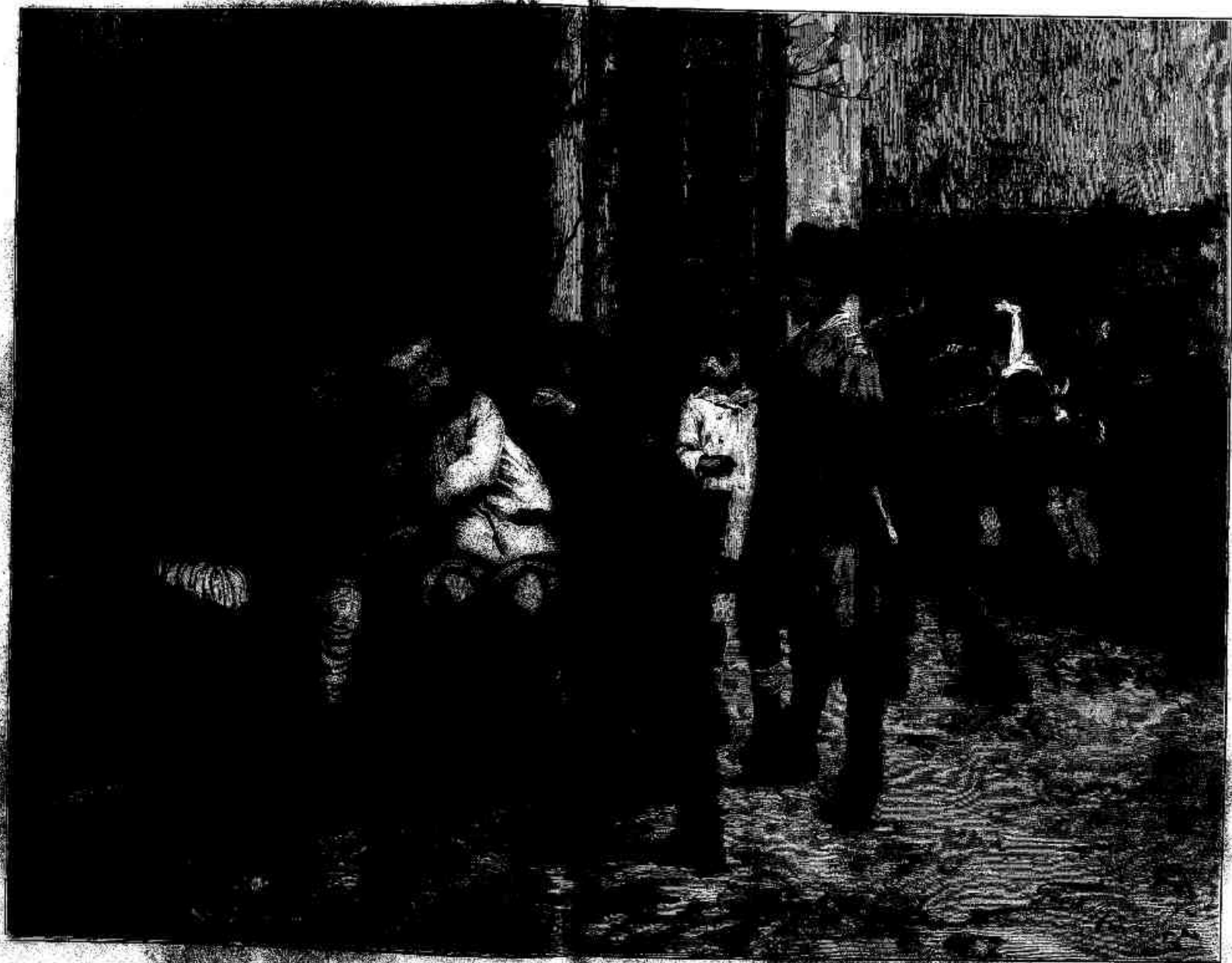
Os estabelecimentos de beneficencia devidos tanto ao governo como á iniciativa particular existiram em todos os tempos no Celeste Imperio.

Independentemente dos dormitorios publicos, das caixas de soccorros para os desgraçados, das sociedades d'assistencia mutua para os operarios, das casas de emprestimos para os pequenos commerciantes, dos hospitais e dos abrigos para os leprosos, dos asilos para os velhos, as grandes cidades chinezas possueam sempre e ainda possuem hospicios para creanças abandonadas. Uma das causas do grande numero de expostos que existe na China é sem duvida a miseria de certas provincias onde ha familias que abandonam as creanças pela certeza em que estão de que de futuro as não podem sustentar.

O hospicio das creanças abandonadas de Cantão é que hoje damos um curioso desenho devido a Felix Regamey, é um dos mais importantes do imperio.

Nos patios ha arvores, muitas vezes seculares, o que indica a antiguidade d'esta instituição. No fundo do patio principal fica a sala de reunio do conselho d'administração. Sobre as paredes vê-se um grande retrato de Fouk-Loh-Chao, personagem legendario que teve cem filhos e mil netos.

Os quartos das amas formam ruas em volta



DANIEL, UM BOCADINHO?... - Quadro de Daniel

do estabelecimento. As annas não todas mulheres fontes e saudáveis ganhando um tostão por dia, o que é uma somma considerável para o povo chinês.

As crianças não tem nome; esperam-se que sejam vendidas para umão lhós d'asum. As crianças vendem-se aos dez mezes, o comprador dá uma peça de fazenda e dois mil reis a ama, e cincoenta a cem mil reis ao estabelecimento, segundo a belleza da criança.

Muita gente julga que na China se pratica o infanticidio em grande escala, é um erro. Quando as crianças morrem abandonam os corpos aos peixes e aos corvos pois que são instantes as despesas d'um enterro, e é por isso que se vêem cadáveres de crianças pelos campos e pelos rios.

O governo e os ricos particulares fundam hospícios e outras instituições de caridade por todos os lados, em todas as províncias. Mas a China é grande, e grande também é a sua miséria, e é por isso que apesar da beneficência se faz em grande escala nem por isso deixam de haver costumes e usos que a nós europeus nos repugnam enormemente.

Em numeroes successivos continuamos a publicar curiosas gravuras sobre este paiz legendario, hoje tanto em evidência por causa das questões em que anda empenhado com a França. A guerra ainda não foi definitivamente declarada, d'um ou d'outro lado, mas nem por isso tem deixado de fallar com eloquência, mesmo com muito eloquência, as espingardas e os canhões.

N'UM ALBUM

*Não tenho fé, nem balsamo, nem crença!
Ouge estalava gente e a indaga e a escuto!
E é dor a que ella sonha e o que ella pensa
Se o que ella pensa e sonha é sombra e luto!*

*Como pode esta musa austera e fria
Trazer versos a luz do sol escriptos,
Se ella tem uma noite em cada dia
E blasphemias e coleras e gritos!*

*Como o gyro traçar de uma ave errante,
E a sua voz imitar candida e bella,
Se tenho o inferno em roda e a treva adeante
Com horrendas figuras dentro della!*

*Outra musa que cante o velle e as flores
Que o alvorecer primeiro da innocencia;
E que eu só traduza as impressões e as cores
De uma tão rude e perfida existencia!*

*Quem de outros versos vir o alegre bando,
Vendo do meu o aspecto horrendo e torvo,
Perguntará, talvez, que faz, grasnando,
No meio d'estas pombas, este corvo!...*

LAUZ MOURAT.

Rio de Janeiro, 1884.

ALEXANDRE DUMAS FILHO

Todos quantos têm entrado n'uma plateia conhecem o dramaturgo illustre de quem A Illustração dá hoje o retrato. Escusado é portanto fazer uma resenha bibliographica das suas obras. Representam-se por toda a parte, e a mesma geração que applaude phreneticamente a *Dama das Camélias* é ainda a mesma que hoje applaude com febre e com en-

thusiasmo a *Estrangeira* e a *Princesa de Bagdad*.

Quanto a dadas o melhor é por-as de lado. As biographias são ainda um das sete massadas que certos primitivos inventaram para fazer dormir a humanidade. O melhor é ver o homem de perto, na sua propria casa, que é isso que interessa o publico. Quando uma celebridade passa na rua o que todos reparam é para o feição do seu nariz e para o seu falo. E quando se passe defronte da humilha d'essa celebridade o que todos ambicionam, é ver a disposição do interior, do home como dizem os inglezes, do che; sei como dizem os francezes.

Da physionomia de Alexandre Dumas nada melhor pode dar uma ideia do dramaturgo, tal qual elle é actualmente, como este sobrio retrato gravado por Ch. Baudé — grande artista do humil de quem a *Illustração* tem tido a felicidade de apresentar numeroes trabalhos.

O dramaturgo habita no n.º 98 da avenida Villiers. Ainda ha poucos annos este canto de Paris era habitado pela população das bancas — uma população de operarios. Mas um dia alguns artistas de dinheiro (entre elles Meissonier), notaram que a avenida era bonita, bonita devêras, e que se podia fazer ali um *quartier* elegantissimo. E correram todos para lá. Deitaram-se por terra as velhas edificações e começaram a apparecer estes elegantissimos palacetes como só Paris possui e só Paris sabe construir. E atraz dos artistas vieram os escriptores de fortuna, e depois, fatalmente, para se mostrarem *chics* e distintos e creaturas na moda — vieram os *millionaires*.

Quando se entra no rez-do-chão do palacete de Alexandre Dumas, o visitante fica surprehendido com a espantosa profusão d'obras d'arte que transformam o sanctuario de Dumas n'uma especie de museu. E para que este museu se possa alargar todos os annos, Dumas comprou em 1878 certo pavilhão flamengo que figurou na Exposição universal de Paris, e que elle mandou collocar no seu vasto jardim. N'este museu encontram-se trabalhos dos nomes mais eminentes da arte franceza, como por exemplo, de Meissonier, um dos amigos intimos de Alexandre Dumas.

A auctor do *Demi-Monde* possui no primeiro andar dois gabinetes de trabalho. Um, é aquelle onde recebe as visitas e os seus amigos, luxuosamente mobilado, as paredes cobertas de mais quadros que valem centenas de milhares de francos, tendo ao centro da casa uma grande mesa Luis XVI e um soberbo fauteuil do seculo XVIII. Mas o outro, o verdadeiro gabinete de trabalho, aquelle onde rarissimos têm entrada, e entre esses rarissimos conta-se Jules Claretie, um dos intimos do grande dramaturgo — esse está atulhado de papéis por todos os lados, ficando apenas livre uma grande meza de trabalho. Ahi não entram os crindos. É Alexandre Dumas quem arruma todas as semanas o seu gabinete, quem sacode a poeira dos livros e dos papéis — quem até acende a chaminé nos dias de inverno. E pelo chão, proximo da sua cadeira, e debaixo da sua meza, andam os dictionarios de Littré de Texvex, de Lafaye, de Boniolet, de Vapereau, de Robin e até mesmo um dictionario de termos technicos de Souvroux: que tem quinze mil palavras que Theophile Gautier sabia de cor — e que hoje ninguém sabe...

Entre duas janellas que dão sobre o jardim está um grande estante cheio de classicos e de livros de sciencia, especialmente de physiologia, onde um curioso encontraria com facilidade as theorias physico-chimicasque o dramaturgo gosta de introduzir nas suas peças, no romance, e nas grandes questões de moral que elle ultimamente tem tratado em curtos que têm sido celebres.

Na sua meza de trabalho Dumas espalha com profusão cadernos de papel branco e azul que elle diz que é para lhe dar vontade de trabalhar, porque nada continge de mais appetitoso para um escriptor que um homi papai. « E como o papei cheio de leite para os galas, é irrealisavel! »

Para bem escrever, Dumas precisa d'um magnifico papei, e de ter os pés sempre quentes, tendo para esse fim, debaixo da meza, uma soberba pelle d'osso preto, que causaria inveja a um *millionnaire*. E tudo quanto elle precisa. E é pouco coisa e nenhuma extravagancia, se o compararmos a Buffon que não podia escrever sem punhos de remans. Kugener San precisava escrever com luvas verdes; Ponsom du Tournai tinha marionettes diante de si; Victor Hugo tem sempre ao seu lado um copo d'agua fresca; Barbey d'Aurevilly, uma variedade de tintas, azues, vermelhas, etc.; e Maxime du Camp, quando escreve tem na cabeça um bapete turco. E Haydri: Quando compunha enfim sempre no deito um anel de brilhantes que lhe tinha dado o grande Frederico; e Wagner não podia trabalhar sem vestir uma robe de chambre que tinha todas as cores do espectro.

Alexandre Dumas é ainda um dos mais brilhantes dramaturgos do nosso tempo, e raros são os que, como elle, sabem dispor a acção d'uma peça, desenhar um personagem, e trabalhar um dialogo, onde parece que penetra todo o perfume delicado e mysterioso do espirito francez.

De tempos a tempos Alexandre Dumas é crucificado em certos jornais de Paris. Simplesmente, a cusa de muitas guerras de que elle tem sido alvo, é puramente a inveja — a inveja que roe mais d'as de pedantes que não podem admitir que o dramaturgo possa dispor todos annos de 38 contos de reis na compra de quadros. E chamam a Dumas avarento, mesquinho, como se todo o homem de dinheiro, e dinheiro ganho com o seu talento e o seu trabalho fosse obrigado a dar satisfações aos impertinentes, do modo como usa as notas de banco que enchem a sua carteira.

Alexandre Dumas possui uma grande qualidade — é ser um artista sincero, um artista que só escreve aquillo que o seu espirito livremente pensa, sem attender ao successo monetario. O que não quer dizer que no momento em que entregue uma peça nova a um director não deixe de ganhar com essa peça tudo quanto for humanamente possivel. Sem querer accusar de mercantilismo escriptores por quem tenho o maior respeito, nem por isso devo deixar de notar que em certos romances de Zola e em certos romances de Daudet se não vê somente o artista mas algumas vezes tambem o industrial procurando assumptos e personagens de momento para obter uma venda mais de curiosidade que de interesse litterario. E Dumas apesar de tudo o que se conta e o que se diz, ainda não esteve preparando tanto uma peça para a occasião, para o momento, como por exemplo Sandou com



O CHOLERA EM NAPOLES

Continuamos a procurar a maior actualidade para a Illustração offerecendo hoje aos nossos leitores esta pagina curiosissima devida ao lapiz d'um artista eminente, e que tão dramaticamente desenha tres aspectos dos tumultos de Napoles, quando o cholera estava na sua grande intensidade, contendo-se os obitos nos centos.

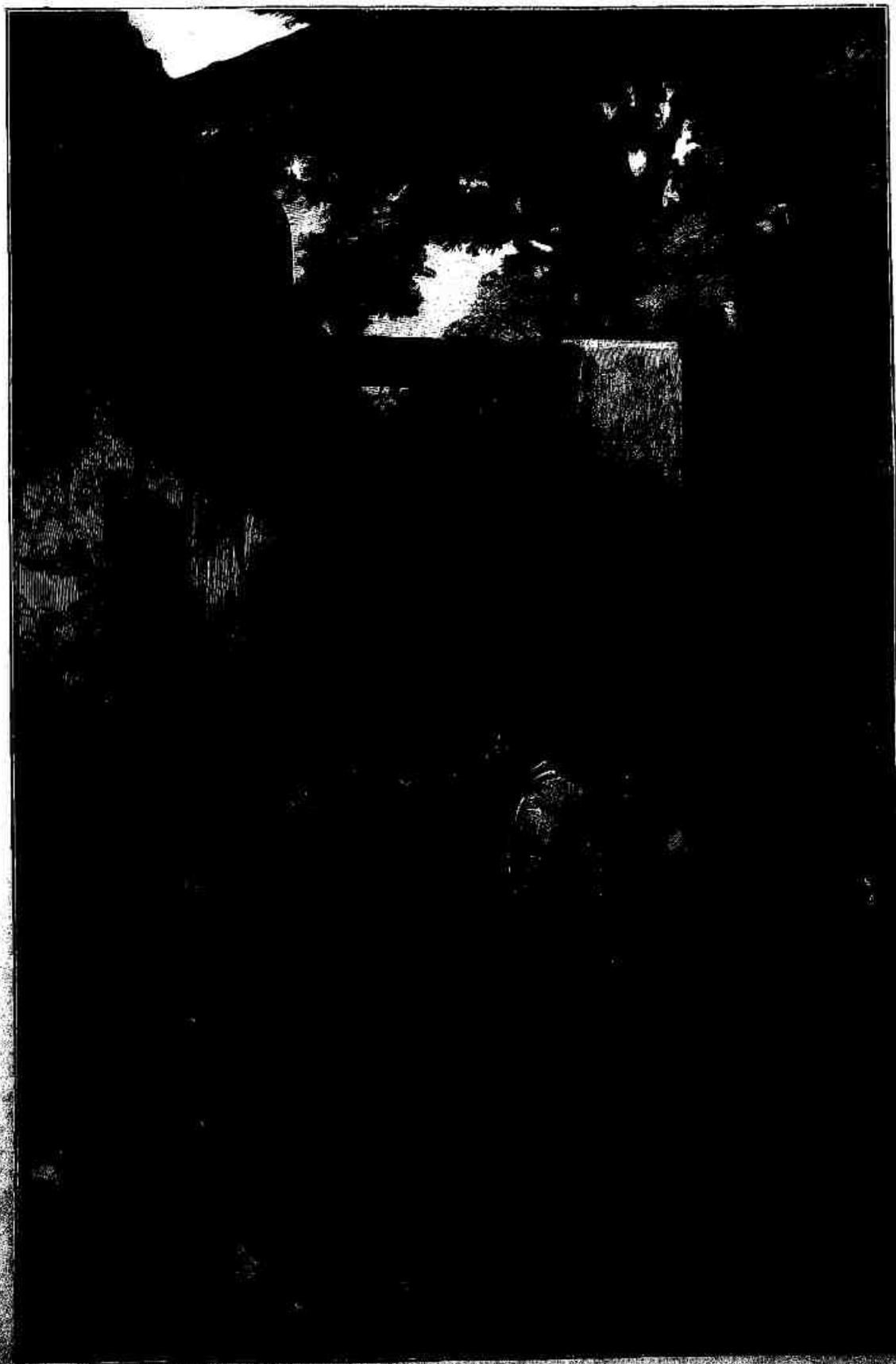
Quando em 24 horas a epidemia tomou as proporções assustadoras de que todos ouviram falar, as mulheres dos operarios foram buscar os filhinhos aos hospicios e ás escolas para os levarem para os campos.

N'esses dias terriveis o povo abriu as egrejas, trouxe para a rua todos os santos da sua maior devoção e fizeram-se procissões e preces. Só se ouviam ladainhas, gritos e choros. As mulheres, de cabelos soltos, e os homens, a cada passo cahiam de joelhos e beijavam as pedras das calçadas, implorando a bondade divina. Foram dias de grande lucto e de grande desespero.

E enquanto os pobres passeiavam os santos e as cruzes por todas as ruas immundas de Napoles onde a epidemia causou tanta victima, os que tinham algum dinheiro corriam para a estação dos caminhos de ferro, e tomavam-se os comboios d'assalto, trepando-se mesmo para cima dos wagons, correndo, fugindo espavoridos da cidade, como se a propria Morte fosse de carne e osso e os perseguisse n'uma carreira desesperada e vertiginosa.

São todas estas scenas profundamente dramaticas que o nosso desenhador tratou com mão de mestre, produzindo uma pagina que é uma verdadeira obra-prima de sentimento e de dor.





A CHINA CONTEMPORÂNEA. — Uma casa d'expositos em Cantão.

mente, como se a quebra da minha alma houvesse sido sempre aquella que tanto me fez sofrer.

A moça interrompeu a leitura que lia fazendo em um ciclo de oração, com o busto mergulhado nas fôlas travezeiras, e, como se tivesse um grande medo de continuá-la, deixou que os olhos passassem as tomas pelo nupcial possuindo um pouco, — casal de borboletas negras — no tapete, na toilette, nas folhas, nas roupas, nos anjos de Raul e nas flores de panno, que ali estavam no chão, junto ao velador. Admiraram por um momento a sua beleza falsa e — retiro a imagem das borboletas! — inebriaram-se nas cores, nos caprichosos refolhos — daquellas rosas de modista. Depois atrevidos pela carta, volveram a ella, assustados do que possessem ler.

Que teria ella feito de mau, que assim zangara o seu Raul, de ordinario tão docil, tão meigo, tão complacente?...
Que crime seria o seu?

« Vento emfim que procurar o somno era torturar-me com incoherentes supplexos, saltar da cama, tomei o meu costumado banho de chuva, fiz a toilette com que devia te para o escriptorio — eram ainda quatorze horas e quarenta e trez minutos! — e depois do prompto, como tirasse de frio, medindo meio minuto no que deveria fazer: — Tomar uma infusão de cabeça de phosphoras ou um cálice de cognac *fine champagne*? »

Optei pelo cognac... Oh, eu sempre decido pelo peior!...

Depois, como ainda era cedo para ir metter-me por cinco horas no pódo da advocacia... sem clientes, e, como só te poderia ver hoje à tarde, resolvei mandar-te em folha e moço de papel velinho todos os negros padecimentos de uma alma que morre por ti e a qual retribues a dedicação com puntualidades cruéis.

Oh! não te defendas! Não te defendas!

Hize antes o que a doce Desdemona aconselhava no supremo instante ao seu famigerado esposo: — Pensa nos teus pecados!

Mas não julgues que te quero asphyxiar com esta carta como fez o brutamonte shakespeareano nem tampouco estrangular-te, mimosa creatura! — com o riço fio deste discreto epistolar.

Tranquilliza-te.

Perdoo-te, bem vês.

Já podes por conseguinte ouvir a tremenda accusação do teu crime.

Ah, minha pobre Marieta, minha pobre Marieta! Não sei se me sobrarão forças para te dizer tudo... Tu hontem...

Nem sei, nem sei como principiar...

O melhor é desfechar-te a accusação de um golpe, à queima roupa... Um, dois, trez:

Tu hontem, no baile do viscondessa... trazias flores... de panno! De panno! Minha Marieta: — de panno! Tu, a mais formosa das creaturas, tu, para quem Deus encomendou a Natureza as rosas, e as violetas, e as camélias, e os gerânios, e os jasmims, e os cravos, tu te enfeitas com flores de trapo!

Oh mas isto é um peccado mortal! As flores, Marieta — essas filhas do sol — como diz o poeta d'As Caricias, são como as mulheres: querem-se de carne, com sangue e nervos, palpantes e vivos. Jámais de panno!

Jámais!...

Meu Deus! que pensário de ti agora as rosas?

Que dirão de ti a magnolia, o heliotropo, a pervincha, o amor perfeito?

Que dirão fôra da mais pura das mulheres a mais cambiada das flores: — a camélia?

Que vergonha!

Neste ponto a noiva de Raul, ruborizada de peço, mergulhou sob uma onda das rendas dos lençóis, repetindo, com a voz tremula de pranto: — Que vergonha! Que vergonha!

E amarovava febrilmente entre as mãos juntas o seu torçível libello accusatorio; suffocava a um soluçar violento, angustioso, como se lhe

passasse na consciencia o remorso implacavel de nefando crime.

E então lembrou-lhe que durante o baile Raul estivera triste, não lhe dissera nem uma daquellas galanteíssimas amabilidades com que costumava entreter a durante horas, no canto de uma janella, ou em um passeio pelo salão, nem brando e doce palestra quasi mysterioso, entrecolado de sorrisos, illuminado de olhares amorosos...

Lembrou-lhe ainda mais que depois do primeiro encontro no baile, elle a deixara, voltando pouco depois com um lindo botão de Doutor Knaut no botoneiro e lhe dissera:

— Não é bonita esta rosa?

Pai pedira a uma amiga, pois que das flores que hoje trassas comigo não me podes dar nem uma...

E Marieta bem viu que elle tinha razão: — as suas flores eram artificiaes...

E não comprehendia o desgosto do seu amado: e nem sequer descobria do seu crime! Krgueta de novo o busto em um assento de enérgica resolução e, enxugando os olhos nervosamente, continuou na leitura:

« Como has-de voltar de novo ao teu jardim, Marieta?

Ah, minha pobre adorada, é necessaria, e urgente uma reparação! Desaggravo as flores, minha flor!

Se queres comprehender a gravidade da tua offensa e a justiça dos seus queixumes — procura comparar por um instante essas flores que hontem trazias — com as naturaes, que ellas imitam.

Oh, examina essas rosas: — São de panno pintado, não tem perfume, não tem sangue, não tem vida, nem graça, nem frescura, nem alma. Esse orvalho que as rosas não lhes veiu do céu: fel-o uma indifferente e estúpida florista com « piangos d'agua. »

O caule é de arame; o pollen não fecunda, e um polvilho amarello; esse rubor das pétalas é feito de vermelhão.

Parecem-te vivas talvez. Pois mergulhas na agua e verás o que lhes acontece: — Não morrem, porque nunca viveram: são falsas; mas hão-de decompor-se ignobilmente: — o trapo encharcado escorrerá todo esse carmim postiço, as folhas descollidas mancharão a agua de um venenoso verde, a goma dissolvendo-se, fará despegar e cair todas as pétalas e toda essa florida fufardia de tu pouco tornar-se-ha simplesmente — uma porcaria.

Colhe agora uma rosa natural e examina-a... Que frescura, que mimo, que delicadeza!

As pétalas lembram as tuas faces — macias, finas, deliciosamente rosadas, um rubor sanguineo palpitando sob delicadissima pellicula...

E que perfume!... Embalsamase o ar e os pulmões dilatam-se, em uma expansão de felicidade, ao receberem o haurido impregnado do fresco alegre e purissimo aroma da rosa...

Mergulha-n'agua e emmergirá mais fresca, mais pura, mais viscosa, mais bella! Ainda mesmo depois de moeta, será formosa.

O cadaver de uma rosa é um despejo sagrado: guardase com religioso cuidado no fundo de um cofre de joias, onde elle vai dormir o seu somno perfumado e pallido ao scintillar irizado das pedrarias preciosas: sepulta-se ao canto de uma gaveta, amortalhado na cambraia alvissima das roupas, ou entre as folhas de um livro amado, ou dentro de uma carteira, em companhia de velhas cartas, mil vezes lidas...

E assim são todas as flores, Marieta: — Fazem a alegria dos jardins dos millionarios e a felicidade obscuro e pobre por isso melhor, das humildes aguas furtadas, das miseraveis trapéjas...

Oh não chames infeliz a pobre rapariga maltrapilha que encontras á esquina da rua, com a fome nos olhos e a morte sobre as faces... Talvez ella tenha ao canto da sua estreita janellinha de sotão um pé de malvas ou um galão de roseira, plantado em um fundo de garrafa!...

Não pode haver tristeza onde ha flores.

Dir-me-lhas, que também ha flores tristes: a saudade, a perpetua, a sempre viva, o guião e o desgosto, o crato chamado de defuncto.

Mas serão feitas pelo facto de serem tristes. Ha saudades bellissimas que valem rosas, e demais basta-lhes o nome: Saudade!...

Se a sempre-viva falta a expressão, a physionomia caracteristica, que em geral todas as flores tem, é porque exactamente é de todas as flores a menos natural: parece feita de panno!

Chamam-na a sempre viva; sempre morta é o que ella é.

Até parece artificial — a desgueda!

E as flores de lanjeira com que se adornam as noivas!...

Já reparaste como são teias, como são ridiculas e tristes?...

Oh, não te cruzes com semelhantes flores, Marieta ou, se as praguejas as verdadeiras e legitimas flores de lanjeira! — então — perdoo-me! — não te cases comigo!

Algodão, cera, pellica, papel de seda e arame: — é com isso que se simboliza entre nós a immaculada candura das noivas!...

E ao passo que se enganham com semelhantes herores, as verdadeiras flores de lanjeira, as authenticas, esfolham-se e tombam tristemente das galhadas verdes, em munda chuva silenciosa que embalsama os ares deliciosamente e forram o solo de alvissimo e perfumado tapete.

Ninguém as quer!

E entretanto enriquecem-se as mãos habilitadas que as fingem com arame, pellica, algodão, papel de seda, cera... e não sei mais que attelados de lesa-natureza!...

Quando vejo violados de panno, chego a ter impetus de matar quem as vende ou a pessoa que as traz.

E' que me lembro das palmeiras delirantes aos que iam enterar seu irmão, a pallida e malaventurada Ophelia: « Deponhiva sobre a terra e que da sua bella carne immaculada possam nascer violetas!... »

Se eu dissesse tudo o mal que penso das flores artificiaes não terminaria nunca esta carta e é forçoso terminal-a.

Darei apenas mais duas palavras e concluirei.

A flor artificial é estúpida como uma mulher pintada e postiça, e é triste como uma mulher estúpida.

Não vive e por tanto não morre.

Vivam as flores que morrem!

Adeus, Marieta.

Se não te conveniesse toda a minha eloquencia indignada é porque ussi de flores de rethorica e as flores de rethorica não são naturaes.

Mas levanta-te — pois naturalmente esta carta ha-de ir encontrarte deitado ainda — abre a janella que dá para o teu jardim... Contempla-o!

E jamais, asseguro-te, adornarás teus cabellos de dryade e o teu collo, navel e mimoso como as rosas e as acueas, com acueas e rosas... de trapo!

E até logo, flor. □ Raul Raul.

Quando acabou de ler a carta Marieta estendeu o braço até ao tapete, apanhou as malsinadas flores com que fôra ao baile da viscondessa e espatifou-as, esfrangalhou-as nos dentes e nas mãos crispadas de raiva, offegante, affoguetada e febril, com a alegria cruel de quem se vinga de um velho e execrado inimigo, exterminando-o afinal!

Depois pisou-as aos pés, aviltando-as ao pó com o furor terrível de uma deusa que se desferra!

Um suspiro de alívio humilhou a crepúsculo e sorria...

Raul estava vingado.

Mas de repente, como se a ideia salvadora lhe tivesse escapado, abriu a janella que dava sobre o jardim e, vagosamente, com um olhar perdido, madra e esmeado, contemplou as flores de dráças...

O sol entrou de um lado, e a luz alvissima e acinillante como um e...

ouro, e deante dos olhos da bella Marieta surgiu o mais florido e perfumoso jardim do mundo.

Estando o quarto de Marieta situado no *re-da-chasse*, as varandas davam sobre o jardim e eram tão baixas, que dellas se podiam colher algumas flores das roseiras e jasmineiros mais proximos. A madre-silva enramava-se pelas grades, enredando-se, espiralando-se pelas bastes e pela parede, entrando para o aposento.

A multidão das rosas brancas, vermelhas, amarellas, cor-de-creme e cor-de-carne, as camellias opulentas, altivas, brancas como seios reços, as d'álvulas de todas as cores e de todos os tamanhos, folhudas, cheias, redondas, balouçando garbosamente sobre os caules flexiveis; as magnolias, imaculadas, directas, assediadas pelas suas folhas agudas, de um verde negro como um círculo de lanças; os jasmineiros do Cabo, inteiramente cobertos de brancas flores odorosissimas, os espectaculosos e levianos girsos, inclinados submissamente para o Levante, em cortesia correcta de subditos respeitosos, toda essa multidão deliciosamente pittoresca de flores, variegadas, de mil diversas colorações e matizes, aglomeradas sob as janellas de Marieta parecia um bello povo fantastico, em paiz de fadas, que esperasse sob as varandas do palacio da sua ruína que esta lhes apparecesse.

E de facto, quando ella surgiu no desalinho encantado do seu acordar, em uma visão entoncedora de cambrinas e rendas alvissimas e nudesas olympicas, fugidias, ergueu-se d'aquelle povo de flores um murmurio de saudação — sussurros de folhas, monosyllabos de petalas, suspirar de brisas e em uma leve nuvem de perfumes purissimos subiram as almas das flores aos pés da sua encantadora ruína...

Esta, entretanto attonita, deslumbrada, comovida, tremula, inclinava-se para fóra da varanda, genuflectindo a meio, e estendendo as flores as mãos juncas na attitud de suprema supplica, os olhos cheios de pranto, murmurou docemente, com a voz flebil e estremeçada de um grande criminoso — arrependido e contrito:

— Perdão! Perdão!

VALENTIM MAGALHÃES.

Rio de Janeiro, Julho 1884.

CONTENCIOSO. — Negocios civis e commerciaes; correspondencia, cobranças, honranças.
Indicações commerciaes.
Perseguir e defender diante de todos os tribunales francezes.
Administração de propriedades em França.
Escrever ao Director do Contencioso dos 4 arrondissements, — 12, boulevard de la Villette, — Paris.

PASSATEMPO



ILUSTRAÇÃO recebe com prazer todos os exercícios, casos difficeis, charadas, logographos, enigmas e enigmas illustrados que os seus leitores lhe queiram enviar.

CORRESPONDENCIA

Monte. — Kuntha. — Agradecemos muito a sua charada que vamos publicar tendo recebido porem a dedicação como usamos fazer a todos que nos chegam a mãos. O novo director fica ponderando esta sua extrema amabilidade, mas seria o primeiro a censurar-nos d'uma excepção a (muito mais) em seu proprio favor.

Rio de Janeiro. — E. C. — Mandei melhor o seu servido. Nesta resposta — e não era pequena — não se aproveitou uma unica.

Mex. — Silvio. — Não publicamos a sua solução porque ellectra uma nova hypothese. As outras duas vão no proximo numero.

AO SR. BUSSER, perfumista, 1, rue J.-J. Rousseau, Paris.

SR. — Pedio-me para que attestasse os excellentes resultados que tenho obtido com a sua *Pasta Epilatoria*, na que eu acedo com o maior prazer. As senhoras a quem a tenho recommendado tem visto desaparecer, sem nenhum inconveniente, os pellos pouco gratiosos que tinham nos labios ou na barba, e observei, depois d'algumas applicações praticadas uma ou duas vezes por mez, que chegavam a desaparecer completamente. — Dr. J. da Faculdade de medicina de Paris.

THEATROS DE PARIS

(Peças que actualmente se representam com maior successo).

Opéra. — Hamlet. — Sapho. — Robert.
Comédia. — Polyeucte. — Monteur.
Député de Bombignac.

Opéra-Comique. — Manon. — Lukmé.
— Carmen.

Odéon. — Mari. — Cid.
Château d'Eau. — Etienne-Marcel.

Porte-Saint-Martin. — Danicheff.
Châtelet. — Poule aux Œufs d'Or.

Gaité. — Le Grand Mogol.
Ambigu. — Un Drame au fond de la Mer.

Gymnase. — Maître de Forges.
Vaudeville. — Les Invalides du Mariage.

Varités. — Un chapeau de paille d'Italie.
Palais-Royal. — Train de Plaisir.

Bouffes-Parisiens. — Mascotte.
Folies-Dramatiques. — Cloches de Corneville.

Nouveautés. — Nuit aux Soufflets.
Renaissance. — L'Amazone.

Eden-Theatre. — Court d'Amour.
Déjazet. — Parisiens en province.

Beaumarchais. — La Froie. — Bois-laurier.

Cluny. — Trois femmes pour un mar.
Montmartre. — Les Pavillons Nôirs.

Diana.
Batignolles. — Diana. — Les Pavillons Noirs.

*A chlorose e a anemia
são felizmente combatidas
com o emprego regular do
Ferro Bravais. Este
torna a dar ao sangue
improbecido a coloração
perdida com a molestia.*



GRANDES ARMAZENS DO

Printemps

NOVIDADES

PARIZ

Acaba de ser publicado

o magnifico Catalogo geral illustrado,
contendo mais de 450 Gravuras dos
novos Modelos para a estação de

Inverno de 1884-85

Remette-se **gratis** e franco a quem
o pedir, em carta franqueada, dirigida
aos

SR. JULES JALUZOT & C^o

PARIS

São igualmente enviados FRANCO, as amostras de todos os fazendas que compoem o imenso sortimento de **Printemps**.

Expedições para todos os Paizes do Mundo.
INTERPRETES E CORRESPONDENTES EM TODAS AS LINGUAS.

Académie de Médecine de Paris

O REZZA
Mineralo Acido Ferrugineoso. — Cette Eau est sans rivale dans le Traitement des Gastralgies, Chlorose, Fiebre, Anémie, et toutes les Maladies provenant de l'appauvrissement du sang.

NOVAS SORVETEIRAS TOSELLI

Unido aparelho de familia
Recomendado pelo Jury
na EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1878.
Para fazer sorbetes e produzir o sorrete embalgado, molhos, confituras. Este machim d'uma simplicidade e economia de se mais salutar, as suas resultados são uma economia, uma segurança e uma promptidão incomparavel. — 188, Rue Lafayette.
J. BUSTIN SR., 1, Boulevard de la Chapelle, PARIS

EXPOSITION UNIV^{rs} 1878
MAGNIE D'OR CROIX CHEVALIER
LES PLUS HAUTES RECOMENSES

AGUA DIVINA

E. COUDRAY

ESTA AGUA DE SAUDE
Promove para o tocadour, como conservando
constantemente a acção da natureza,
o preserva da peste e do chistia saude.

ARTIGOS RECOMENDADOS
PERFUMARIA DE LACTEINA
Recomendada para tocadouras de lacteina.
GOTAS CONCENTRADAS para o lenço.
OLEOCOME para a belleza dos cabelos.

ESTES ARTIGOS ACABAM-SE NA FABRICA
PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS
Deposits em todas as Perfumarias, Pharmacias
e Labellorats d'America.

DIGESTOES ARTIFICIAES
VINHO
SI-DIGESTIVO DE
CHASSAING
COM
PEPSINA E COM DIASTASE
Agente pepsinico e diastase para a digestão

DIGESTÃO
20 annos de successo
contra as
DOENÇAS OFFICIAES
DO INOCCULETAS
HALES DO ESTOMAGO
DISPEPSIAS, GASTRALGIES
PERDA DE APETITE, DAS FOIÇAS
NUTRICAS, CONSUMO
CONVALESCENCIA, LACTAS
VOMITOS, etc.

PARIS, 2, Avenue Victoria, 2 Paris
Adm-ri do Lado e phlegma Parisien.

DEPOSITO
DA
CASA EDITORA DAVID COZZE
153, Rue dos Retros, 153

Venda de todos os livros e jornais de todas as publicações e mais casa.
Toda a obra de imprensa e de todas as publicações, autorizadas e não autorizadas, de todos os generos e de todos os idiomas.